



GRUPO COOPERATIVO - *COMO TÁ A VIDA?* A EXPERIÊNCIA EM SAÚDE INTEGRAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA NO MUNICÍPIO ITAPIPOCA-CE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

ANDRÉIA ANNE TEIXEIRA DE OLIVEIRA; ANA CLÉRIS MORAIS SILVA;
CRISTIANE CARNEIRO MOTA; RIANE LARA SILVA SANTOS; VANINA TEREZA
BARBOSA LOPES DA SILVA

RESUMO

INTRODUÇÃO: Considerando a saúde integral como fator de suma importância no cotidiano dos usuários, nota-se a necessidade de implementar práticas diversificadas, adaptadas ao uso. Sendo assim, percebemos que pensar em ações para usuários na Atenção Primária ou em outros equipamentos de saúde, é preciso conhecer o território e quem nele vive, trabalhar de forma multiprofissional e considerar as realidades apresentadas ali. Relatando a experiência de um grupo cooperativo na Atenção Primária, com foco no usuário e suas necessidades. **RELATO DE EXPERIÊNCIA:** O presente estudo consiste em um relato de experiência, de caráter descritivo, advindo das vivências em um grupo de usuários (as), de uma farmacêutica, uma psicóloga, uma enfermeira e uma assistente social residentes em Saúde da Família e Comunidade pela Escola de Saúde do Ceará (ESP), e profissionais convidados (as), inseridos (as) no município de Itapipoca-CE, mais especificamente na Unidade Básica de Saúde (UBS) Centro, que abrange dois bairros, durante o período de junho a novembro de 2022. **DISCUSSÃO:** Para que aja realmente esse cuidado e escuta integral com os usuários, se faz necessário espaços de cuidado, possibilitando trocas de experiências. O grupo cooperativo “*Como tá a vida?*” focou em saúde integral dos usuários, com temas diversificados propostos com os (as) usuários (as), facilitando um espaço seguro e facilitador de diferentes experiências e saberes, com momentos de descontração, realização de passeios, explorando locais de lazer disponíveis na própria comunidade, trabalhos manuais, oficinas temáticas com temas diversos onde os (as) próprios (as) usuários (as) repassavam o que sabiam aos outros participantes do grupo, e momentos onde podíamos refletir como está a vida. **CONCLUSÃO:** Com isso, é importante salientar o papel da Atenção Primária como promotora de saúde e não somente como reabilitadora. Dessa forma, se faz necessário a construção de grupos na atenção primária à saúde, possibilitando a construção do vínculo do usuário com o serviço e profissionais.

Palavras-chave: Usuários; Unidade Básica; Tecnologia Leve; Multiprofissional.

1 INTRODUÇÃO

Com a criação e implementação do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil em 1988 por meio da Constituição Federal, o acesso a saúde passou a ser um direito social, abrangendo a universalidade, a equidade e a integralidade, possibilitando estratégias de qualidade dimensionada a saúde pública, focada no sujeito através de uma saúde integral, tendo como

norte a Estratégia Saúde da Família (ESF), a Atenção Primária a Saúde (APS) e suas diretrizes (SILVA, BEZERRA, TENAKA, 2012).

De acordo com Macinko e Mendonça (2018) através da Lei Orgânica da Saúde 8.080/90 foi possível implementar ações assistências e curativas, focando na promoção, proteção e prevenção de doenças. Nesse contexto de atendimento no Brasil, surgiu então a ESF, como política pública que prognostica e conclui os princípios da Atenção Primária à Saúde (APS), tendo como modelo, o trabalho multiprofissional, sugerido pela ESF, a partir da sua capacidade de promover um cuidado integral e longitudinal.

Diante disso, Almeida e Junior (2023) relatam a importância de ações propostas com foco no usuário, sendo dentro ou fora da Unidade Básica de Saúde (UBS) sendo importante a territorialização da área adscrita, juntamente com uma equipe multiprofissional e parcerias intersetoriais, tirando o foco do atendimento clínico e individualizado, nesse cenário, podemos mencionar uma tecnologia leve e potente no trabalho com os usuários, que são os grupos cooperativos.

As tecnologias leves estão ganhando mais espaço nos equipamentos de saúde, em especial na Atenção Primária de Saúde (APS). Estas possuem papel relevante na perspectiva de articulação e construção de relações interpessoais, sendo viés para escuta, diálogo e formação de vínculo entre profissional e usuário envolvidos nessa ação, fortalecida por meio do trabalho vivo (SOUZA *et al.* 2020).

Nesse contexto o grupo cooperativo é definido por uma equipe de profissionais que trabalham em conjunto, por meio da cooperação e planejamento, buscando atingir resultados comuns, sendo um sistema social que tem como objetivo o bem-estar e desenvolvimento de todos os usuários. O grupo tem princípios defendidos que cumpre com o seu papel, de oferecer melhores condições de vida para as pessoas dentro do planejado (NIED, FORGIARINI, ALVES, 2022).

O objetivo deste estudo é relatar a experiência do grupo cooperativo na Atenção Primária, com foco no usuário e suas necessidades, não abrindo mão do cuidado, escuta, e na troca de experiências entre profissionais e usuários, visando dessa forma, melhorar a qualidade de vida dos participantes através da saúde integral.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O presente estudo consiste em um relato de experiência, de caráter descritivo, advindo das vivências em um grupo de usuários (as), de uma farmacêutica, uma psicóloga, uma enfermeira e uma assistente social residentes em Saúde da Família e Comunidade pela Escola de Saúde do Ceará (ESP), e profissionais convidados (as), inseridos (as) no município de Itapipoca-CE, mais especificamente na Unidade Básica de Saúde (UBS) Centro, que abrange dois bairros, durante o período de junho a dezembro de 2021.

A ideia do grupo surgiu através da territorialização da área adscrita feita pelos (as) residentes, processo no qual foi possível reconhecer a necessidade de uma maior interação entre os (as) usuários (as) e os profissionais para além dos atendimentos individuais e em um outro momento no qual o (a) participante não estivesse na UBS para atendimento clínico individual. Inicialmente a ideia seria um grupo terapêutico com foco na saúde mental, mas através de uma conversa entre farmacêutica, psicóloga e terapeuta ocupacional (profissional do município) firmou-se a necessidade de um grupo cooperativo ampliado, com foco na saúde integral, aberto para qualquer usuário (a) interessado (a) em participar, podendo assim aproveitar todos os profissionais disponíveis e interessados (as) em contribuir. Assim, surgiu o grupo cooperativo chamado “*Como tá a vida?*”.

O grupo ocorria em um período de duas horas, sendo sujeito a acréscimos dependendo da repercussão e atividade desenvolvida. Os encontros ocorriam quinzenalmente, às quinta-

feira, na 2ª e 4ª Semana do Mês, de 15h00 até 17h00, tendo como responsável do grupo e apoio as profissionais disponíveis no dia do encontro.

O planejamento tinha como objetivo: saúde integral dos usuários, com temas diversificados propostos com os (as) usuários (as), facilitando um espaço seguro e facilitador de diferentes experiências e saberes, com momentos de descontração, realização de passeios, explorando locais de lazer disponíveis na própria comunidade, trabalhos manuais, oficinas temáticas com temas diversos onde os (as) próprios (as) usuários (as) repassavam o que sabiam aos outros participantes do grupo, e momentos onde podíamos refletir como está a vida, escutando o próximo e a si mesmo, e assim, criando um momento de apoio e construção de vínculos entre usuários (as), profissionais e serviço de saúde.

3 DISCUSSÃO

A proposta ofertada pelo grupo cooperativo é ampla e diversificada, possibilita autonomia do (da) usuário (a), entendimento mais claro de temáticas que envolvem o processo de cuidado, onde muitas vezes não são completamente esclarecidas durante uma consulta. Além disso, o contato com outros (as) usuários (as), possibilita uma maior troca de saberes baseados em experiências vividas.

Considerando que na situação atual, as ações em equipe voltada para o cuidado como uma das principais estratégias para alcançar a integralidade se torna cada vez mais necessárias. Logo, de acordo com Guimarães e Branco (2020) reconhecemos que produzir esse cuidado de acordo com as necessidades dos (as) usuários (as), possibilita compreendê-los (as) melhor, destacando a relação entre os profissionais e o sujeito, focando no olhar humanizado, visando suas reais demandas e maneiras de pensar, agir e sentir.

Durante a atividade foi realizado o momento inicial, com acolhimento e apresentação dos presentes na atividade, sendo feitas as seguintes perguntas: Quem são? Como estão se sentindo? Qual expectativa para o grupo? Em seguida iniciamos a dinâmica do alongamento, seguido pela apresentação da proposta e objetivo do grupo, marcando o início, meio e fim dos encontros, regras de convivência propostas e escritas por eles (as) mesmos (as) em uma cartolina fixada em uma parede na sala dos encontros com a frase “o que eu preciso para me sentir segura neste grupo?”, entre tais regras, sinalizou-se a importância do sigilo, ouvir e respeitar quando o outro estiver falando, preservar a pontualidade. Para finalizar fizemos a dinâmica da colagem com gravuras e palavras que representa para cada um/uma “como tá a vida?”, como se sentem, como querem se sentir (figura 1).

Figura 1. Encontro de apresentação do grupo.



Fonte: Autores, 2022.

A figura 2 retrata a breve oficina “A maneira correta de se fazer chá”, sendo um dos temas sugeridos pelos (as) participantes. Esta temática possibilitou informar maneiras corretas de fazer chás, mostrando plantas utilizadas para este fim e suas utilidades, além de tirar dúvidas e aprender com a troca de conhecimentos entre os participantes.

Tal esforço cooperativo requer, por parte do grupo, aceitação e respeito por seus participantes individuais, assim como por parte de quem organiza o grupo. O (a) usuário (a) que recebe o cuidado está inserido no sistema de saúde, necessitando de linhas de cuidados de diferentes tecnologias, que por muitas vezes não são acessíveis. Isso muitas vezes decorrentes de burocracias acompanhadas de um atendimento nada acolhedor, informações desconstruídas, encaminhamentos, falta de humanização com o (a) usuário (a). Para que as dificuldades mencionadas acima sejam modificadas, Meireles e Andrade (2019) mencionam a importância de grupos na Atenção Básica.

Figura 2. Oficina “A maneira correta de se fazer chá”.

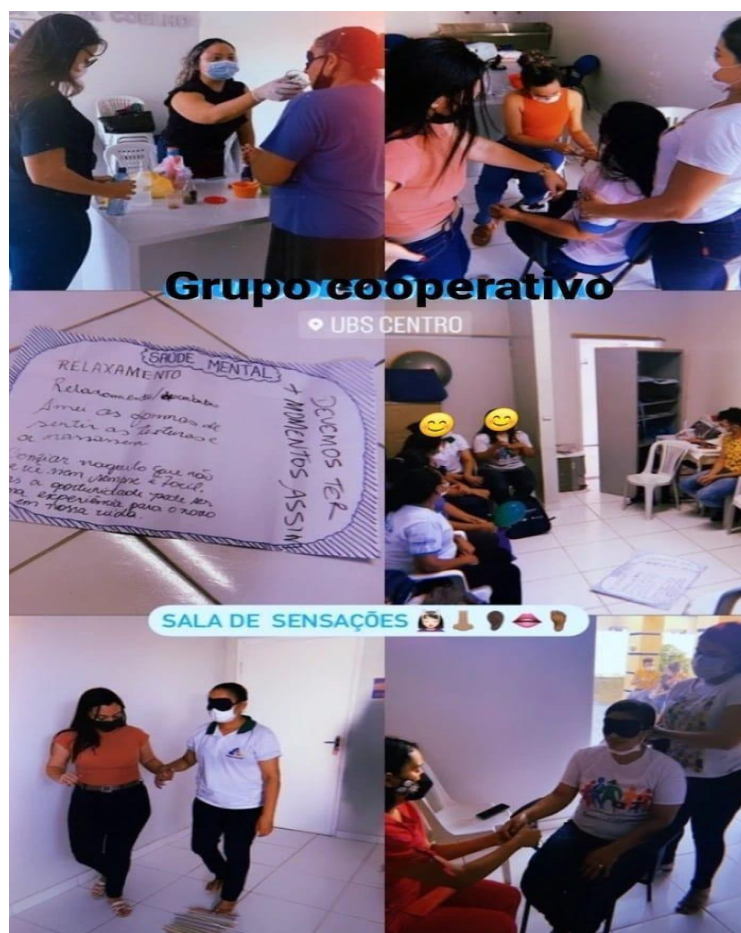


Fonte: Autores, 2022.

Em mais um encontro tivemos o prazer de receber como convidados (as) 7 residentes

do segundo ano (R2) da Turma VIII da ESP, compostos por enfermeira, educadora física, assistente social, psicóloga, nutricionista, fisioterapeuta e fonoaudióloga, trazendo como proposta para o encontro a “sala de sensações”, onde, em um pequeno percurso os (as) participantes experimentam sensações auditivas, físicas, olfativas, e no fim expressaram por meio de escritas falas e/ou desenhos os sentimentos e/ou sensações que tiveram durante o percurso da “sala de sensações”.

Figura 3. “Sala de sensações”



Fonte: Autores, 2022.

A pedido dos (as) participantes organizamos um passeio ao Instituto do Meio Ambiente de Itapipoca (IMMI), popularmente conhecido como Horta Viva, local existente há mais de 20 anos no município, situado na Travessa Major Antônio Rodrigues Teixeira, s/n°, cruzeiro, Itapipoca/CE. O instituto mediante agendamento prévio recebe visitas guiadas, tendo como cronograma uma breve palestra sobre o local, em seguida visitação aos animais acolhidos permanentes ou em quarentena, seguindo para conhecer a área de recolhimento de óleo de cozinha usado (o IMMI recolhe para descarte em local adequado), e pôr fim a “famosa” horta viva, contendo plantas medicinais disponíveis a população em troca de 2 litros de óleo usado. O momento proporcionou uma conexão com natureza, saindo um pouco da rotina e do meio urbano, construindo um espaço de lazer e de novas vivências (figuras 4 e 5).

Figura 4 e 5. Passeio a Horta viva

Fonte: Autores, 2022.

Foi notório a leveza que os presentes sentiam ao participarem dos encontros, a troca do saber, o interesse em propor temas para os encontros, muitos (as) se sentiam seguros (as) em expressar situações pessoais do cotidiano, dores, alegrias, lembranças, angustias. Cada dia uma nova descoberta, uma nova ansiedade decorrente da esperança de que eles comparecessem e que tudo planejado fosse alcançado, sempre com o intuito de se sentissem únicos, cada um com suas particularidades, mas grandes em equipe.

Por fim, não podemos deixar de citar as dificuldades que um projeto assim nos traz; falta de espaços apropriados, cadeiras, matérias, e principalmente a resistência que ainda existe por parte dos (as) usuários (as) em participarem de grupos. Entendemos que são inúmeros os fatores que levam a essa resistência, sendo tarefas do dia a dia, filhos, companheiros, deslocamento, a desconfiança, e culturalmente a ausência de grupos nas UBS's, a tão conhecida falta de "costume", cabendo a equipe resistir e não desistir, identificando o que pode ser modificado e adaptado para que os (as) usuários (as) se sintam bem em participar.

4 CONCLUSÃO

O grupo cooperativo é uma abordagem extremamente importante, tendo em vista que se torna um espaço de escuta, autocuidado, um ambiente de partilhas, trocas de conhecimentos populares e científicos. É uma estratégia que busca garantir a autonomia dos usuários e proporcionar uma assistência de forma integral e equilibrada.

A vivência no grupo, contribui de forma significativa para visualizar a importância do trabalho multiprofissional e interdisciplinar com foco no cuidado em saúde integrada, tendo como oferta um acolhimento e escuta qualificada, favorecendo um elo entre profissionais-usuários. Além disso, a vivência desloca o papel de protagonismo do processo de cuidado para o sujeito, o que não acontece na consulta individual.

Cabe ainda salientar sobre o papel da Atenção Primária como promotora de saúde e

não somente reabilitadora. Tais grupos são responsáveis não somente por um olhar mais abrangente dentro da APS, sendo também capazes de desafogar a demanda ao passo que estimulam a sociabilidade. Ainda mais em um período pós-pandêmico em que a realidade se agravou alterando completamente o contexto social.

Portanto, e por fim, este grupo buscou facilitar e promover o acesso ao serviço, por meio de espaço de aprendizados e partilhas, estimulando a autonomia do sujeito, enfatizando que o processo de cuidado é uma via de mão dupla, construindo uma relação permanente de confiança e afeto entre profissionais-usuários.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, K. R.; JUNIOR, P. C. A. A EXPERIÊNCIA COM UM GRUPO DE ADOLESCENTES NA ATENÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO ITAPIPOCA-CE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA. Literacia Científica Editora & Cursos. I CONGRESSO NACIONAL MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE PÚBLICA (ICONMUSPU): CAPÍTULOS DE E-BOOK, 1ª edição, Teresina (PI), 2023. p. 304-313.

GUIMARÃES, B. E. B.; BRANCO, A. B. A. C. Trabalho em equipe na atenção básica à saúde: pesquisa bibliográfica. Rev. Psicol. Saúde vol.12 no.1 Campo Grande jan./mar. 2020

MACINKO, J.; MEDONÇA, C. S. Estratégia Saúde da Família, um forte modelo de Atenção Primária à Saúde que traz resultados. SAÚDE DEBATE | RIO DE JANEIRO, V. 42, NÚMERO ESPECIAL 1, P. 18-37, SETEMBRO 2018.

MEIRELES, D. B. B.; ANDRADE, F. C. B. A. Implantação de Trabalho com Grupos de Adolescentes na Unidade Básica de Saúde Coroatá (Picos-PI). <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/12101>, TCC: 14p. Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2019-05-12T01:02:16Z.

NIED, S.; FORGIARINI, D. I.; ALVES, C. N. O entendimento sobre cooperativismo pelos associados em uma cooperativa de crédito. ISSN 2359-0432RGC, Santa Maria, v. 9, n 17, e5, jan./jun., 2022

SILVA, K. B.; BEZERRA, A. F. B.; TANAKA, O. Y. Direito à saúde e integralidade: uma discussão sobre os desafios e caminhos para sua efetivação. Interface, COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO v.16, n.40, p.249-59, jan./mar. 2012.

ZOUZA, J. W. R.; *et al.* Tecnologias leves na atenção básica: discurso dos enfermeiros. Revista Saúde & Ciência online, v.9, n. 3, (setembro a dezembro de 2020). p.18-28.